

R E V I S T A

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO & CIDADANIA

VOL. 1 | N° 15 - JULHO 2022



Os caçadores de emoção

Revista Conhecimento & Cidadania

Editorial

Pedro Costa – Editor-Chefe

Munique Costa – Editora Adjunta

Produção e Designer

Edson Araujo

Munique Costa

Pedro Costa

Leandro Costa

Redação

Edson Araujo

Pedro Costa

Munique Costa

Colunistas

Edson Araujo

Leandro Costa

Mauricio Motta

Pedro Costa

Danielly Jesus

O conteúdo do **Caderno ABRAJUC** é de propriedade intelectual e responsabilidade exclusiva da Associação Brasileira de Juristas Conservadores, a Revista Conhecimento & Cidadania, acreditando na relevância ímpar do trabalho e valores da instituição, não faz quaisquer alterações ou deliberações acerca do conteúdo.

O conteúdo do **Caderno Direito nas Escolas** é independente e não tem correlação direta com a linha editorial da Revista Conhecimento & Cidadania.

Todas as entrevistas são previamente consentidas e guardam fidelidade com as declarações dos entrevistados.

O conteúdo desta edição foi produzido por **voluntários** que autorizaram a publicação de seus trabalhos, **não sendo remunerados**, sendo-lhes garantida a menção de autoria.

Revista Conhecimento & Cidadania

Vol. I – Nº 15 – Julho de 2022

Rio de Janeiro – RJ

Curso Menezes Costa – CNPJ 28.814.886/0001-26

ISSN 2764-3867

Caçadores de emoção

Por Leandro Costa



Em um mundo no qual se exalta a irresponsabilidade, não haverá legado às gerações futuras. A questão é definir o quão premeditada a degradação da sociedade foi, distinguir se decorre do resultado natural do desleixo, consequência da comodidade dos tempos modernos, ou de uma engenharia social que acaba com incentivar que os indivíduos se entreguem ao descaso.

Cada vez mais emergem indivíduos que não possuem real valor aos seus pares, que como arautos do mal, seduzem os mais incautos ao precipício em troca de prazeres momentâneos em uma espécie de acordo nefasto do qual acreditam obter uma vantagem que justifica a vassalagem aos piores senhores. São os agentes que gostam de chamar de embalagens vazias, de fácil reposição e, por isso, totalmente obedientes.

Podemos sim imaginar que o conforto dos tempos modernos permitiram ao homem deixar suas preocupações de lado ao ponto de focar suas ações somente no presente, relegando gerações futuras à sorte, uma vez que, o caos seria inevitável. Assim, preocupar-se em cumprir uma missão, servido como uma personagem de, tão somente, uma fase em um processo longo no qual não se poderá presenciar o resultado, parece ser, para grande parte da humanidade, o desperdício de suas vidas.

Assumindo que a sociedade tem, entre considerável parte de seus membros, indivíduos alienados das questões duradouras, ou seja, que pouco se importam com as consequências futuras de seus atos, tanto para si quanto para as futuras gerações. Poder-se-ia considerar que a deterioração da sociedade é natural, de maneira que, deve-se aferir todo o fruto que for possível, sem quaisquer preocupações com a manutenção das estruturas basilares da sociedade.

Ainda diante da premissa de que ocorre uma deterioração não planejada da sociedade, de forma que os seres humanos despreocupados são decorrem da comodidade ora conquistada por nossos antepassados, posto que, ao deixarem de se preocupar com a estrutura social que se consolidou pelas ações de outros na história da humanidade, devemos verificar se tal degeneração traduz-se no crepúsculo de uma era ou de toda a história da humanidade.

Resta-nos observar se estamos vivendo o início de um inverno que antecederá uma nova primavera ou se chegamos no declínio final. Não há como deixar de imaginar se humanidade deve superar o rigoroso período de mais um ciclo ou o Apocalipse está próximo?

Não me atrevo a responder tal pergunta, trago-a tão somente à título de reflexão, seja por não me considerar o mais capaz de preencher tal lacuna, ou mesmo, pelo simples fato de que, havendo ou não um reinício, o declínio será inevitável. Considerando que a sociedade está se deteriorando naturalmente, para o fechamento de um ciclo ou para o seu fim, não há como se opor a um fenômeno natural de tal magnitude, seria como tentar segurar o fluxo de um rio, ou como diz um estimado amigo, buscar evitar que o alvorecer pela manhã.

Em ambas as hipóteses, creio que, os que hoje estão vivos, não terão tempo o suficiente para assistir o fim dessa era ou da humanidade, devendo, contudo, fazer o seu melhor. Afinal, se houver um novo ciclo, que nosso papel seja o mais relevante possível e, se por outro lado, chegarmos ao derradeiro fim da história, que o façamos com altivez, em honra aos que nos precederam.

De qualquer modo, ter cada vez mais indivíduos alheios ao ideário de um compromisso com as futuras gerações, como tartarugas que deixam seus ovos nas praias, não se importando quantos predadores se baquetearão de sua prole, é deverás preocupante, haja vista, que recairá sobre outrem a missão de edificar algo para as gerações vindouras.

Se estamos em um inverno, não há motivos para deixar de salvaguardar e, principalmente, construir um legado aos que terão a incumbência de reconstruir a humanidade ao alvorecer, bem como, se

estamos próximos de um fim, devemos preservar sim a dignidade de nossa existência, não sendo justo com aqueles que outrora lutaram, que o livro da humanidade tenha seu último capítulo escrito de forma bestial.

Há que se analisar também se a degeneração da sociedade é tão somente uma leitura que fazemos diante de tempos difíceis, acreditando que existe uma derrocada do homem em relação aos seus antepassados, ou se estamos adotando uma visão pessimista que ignora sempre ter uma fração de degenerados entre os seres humanos.

Descartar ante uma análise perfunctória que a crença no declínio da humanidade pode ser resultado de uma visão turva decorrente da ilusão de que as gerações que antecederam eram mais valorosas, ora pelo amadurecimento daquele que vê os mais novos como irresponsáveis, o que é o natural, ora por ter a história se dedicado aos homens de grandes feitos de suas épocas, ainda que sejam abjetos, mas pelo destaque que merecem na construção da linha do tempo. Não há como ignorar facínoras como Hitler ou Stalin quando se fala da história humana no início do século XX.

Naturalmente, uma geração em sua fase adulta considerará que os mais jovens são imaturos e, portanto, aquém de seus contemporâneos. Isso pode se explicar pelo simples amadurecimento daquela geração, que ao assumir responsabilidades compatíveis com sua idade, tendem a se portar de lidar com maior seriedade em relação aos diversos assuntos de suas vidas.

Claro que temos os afetados pela síndrome do Peter Pan, indivíduos que tentam frear o envelhecimento natural, deixando deliberadamente de amadurecer, tentam manter-se jovens e irresponsáveis em uma luta infrutífera contra o tempo. Alguns parecem congelar em uma fase da vida que não pretendem deixar, portando-se como os jovens de sua época mesmo quando seus contemporâneos já se encontraram na fase adulta, outros tantos buscam assumir a juventude do momento presente, simulando, apesar de sua real idade, ser alguém que se adaptou aos novos tempos e as modas supervenientes.

Excetuando os afetos por tal síndrome, que também passam a ser depreciados por aqueles que seguiram o fluxo natural da maturidade, torna-se algo comum, aos que chegam a idade adulta, ver na juventude uma geração relapsa e pouco dedicada a construção de um mundo melhor. Por sua vez, sempre que o peso da responsabilidade recai nos ombros dos mais jovens, é comum que amadureçam, mesmo que relutando, para fazer assumir o controle de suas vidas em seu devido tempo.

Indispensável também analisar que a história busca relatar os fatos de maior relevância para a humanidade, não faria sentido guardar para a posteridade a biografia de um indivíduo que passara sua vida como um ébrio relegado à sarjeta. Não se conta nos livros os feitos de pequenos artesãos ou fazendeiros, ainda que estes tenham sido essenciais em sua missão para a posteridade, pois, faltaria espaço para relatar tantas vidas.

Quem ocupa lugar nas leituras são aqueles cujos feitos tiveram maior destaque dentre os homens, não sendo aqui o termo maior destaque usado de forma elogiosa, haja vista que, os déspotas têm seu lugar na trajetória da humanidade. Não há como discorrer sobre o leal servo que ordenava as vacas no Império Romano, mas Calígula tem seu nome escrito na história dos homens, sendo ele um tirano ou não.

Tal constatação faz-se necessária para explorar a hipótese de que, ao analisar os livros de história, observamos os homens de maiores feitos, não podendo fazê-lo em relação aos indivíduos de forma geral de determinada época. Tratamos de líderes grandioso, heróis, pensadores, grandes artistas, tiranos e pessoas cuja relevância os dera destaque, todavia, ao nos deparamos com a sociedade atual, lidamos com o indivíduo medíocre, sem nenhum condão ofensivo, que não se destaca em suas ações.

O indivíduo comum é responsável por cumprir seu papel histórico, basta refletir sobre quantos foram os guerreiros que tomaram por grandes feitos que foram deixados, intencionalmente ou não, no anonimato. Das conquistas gloriosas às guerras mais aterradoras, personagens desconhecido desempenharam papéis que foram determinantes para o resultado.

Como observado, não há motivos para desmerecer o ser humano que não tem seu nome em um livro de história, tampouco, aqueles que são considerados medíocres, contudo, é imperioso considerar que, ao comparar os nomes ora estudados do passado e aquele com que se convive, existe uma grande diferença. Se por um lado o passado nos apresenta um grupo seletos em destaque, o presente nos oferece o convívio de forma indistinta de nossos contemporâneos.

Ao perceber que se pode julgar os mais novos pela ótica errada, ignorando o amadurecimento vindouro, bem como, em uma análise mais historiográfica, nos deparamos com uma gama seleta de indivíduos que marcaram sua passagem pela história da humanidade, resta evidenciado que a impressão que de que as mais novas gerações são debilitadas em relações às suas predecessoras pode ser um equívoco.

A degradação da sociedade, se dúvida, pode ser fruto da falsa impressão como consequência das hipóteses supracitadas, entretanto, é preciso realizar uma análise mais apurada, comparando, não o homem comum aos que outrora tiveram destaque, mas aqueles que nos dias atuais aparentam ser os que terão seus nomes escritos na história humana. Far-se-á necessário avaliar as figuras que se destacam, para o bem e para o mal, e, principalmente, comparar as edificações atuais em relação àquelas do passado, considerando, claro, que as mais modernas têm como premissa o conhecimento das mais antigas.

Ao avaliar os avanços tecnológicos, vai parecer que a sociedade atual avança muito mais se comparado aos tempos passados, todavia, deve-se considerar que a invenção de uma determinada tecnologia, em regra, decorre do aperfeiçoamento de outra já existente. Facilmente pode-se concluir que um telefone atual absorvera tanto a tecnologias de seus antecessores como aglutinou aquilo que os

microcomputadores, em especial os portáteis, já ofereciam. Seria como comparar carros modernos com carroças se considerar que aqueles foram criados por indivíduos que já conheciam estas.

Faz-se necessário então apontar qual seria o motivo de acreditar que as gerações atuais estão aquebrantadas em se comparando aos que antes caminharam sobre a superfície de nosso planeta, considerando, especialmente, os indivíduos capazes, ainda que artificialmente, de conduzir outros. Neste diapasão, fica evidente o ponto em que chegamos.

Quando a história nos brinda com déspotas, percebemos que trata de indivíduos sem moral, não sendo possível observar uma flagrante distancia entre os antigos e os atuais, entretanto, quando se trata de autores e artistas, assim como sair de um nevoeiro, podemos enxergar nitidamente a gritante diferença entre aqueles que tiveram destaque em seu tempo, independentemente da sua moralidade, e os que atualmente são destinatários da atenção das massas.

Precisamos olhar para a carência no campo intelectual, incapaz de produzir obras memoráveis, nada perto de se comparar a [William Shakespeare](#), [John Ronald Reuel Tolkien](#) ou [Machado e Assis](#) em nossa literatura atual, restando aos mais jovens os quadrinhos e as obras cinematográficas, que cada vez mais se resumem a reedições que sequer conseguem superar as obras originais. O jovem atual acaba vendo em figuras sofisticadas, ou até mais vazias, como exemplos.

A música tornou-se uma repetição frenética de batidas, ou seja, reduzindo-se ao ritmo desprovido de melodia cujo atrativo é a exacerbada erotização de seus interpretes ou coadjuvantes, por vezes, degradingola-se à níveis ainda mais dantescos, tornando uma ode ao consumo e ao poder. O consumidor acaba por ser alimentado de um caldo cultural tão abjeto que se vê envenenado e incapaz de se libertar, tornando-se adicto por algo sem valor, mas que é a única visão de mundo que lhe fora oferecida.

Surge uma geração que busca o prazer imediato e inconsequente, incapaz de apreciar a beleza e movida por paixões cada vez mais artificiais e, portanto, vazias. A máxima de que é melhor viver dez anos à mil que mil anos à dez.

Ao assumir que a vida deve ser encarada com a preocupação de somente aproveitar os prazeres mais fúteis, obtendo aquilo que se deseja de forma imediata e sem encarar as consequências, temos indivíduos que servem como um terreno fértil, o comportamento do [lumpemproletariado](#) torna-se cada vez mais a regra, haja vista que, dedicar-se ou estabelecer metas é nada mais que despender tempo. Nota-se uma grande ausência de busca por qualidade e a pulsante fome por aquilo que não tem valor real, sendo apenas resultado de um desejo artificialmente alimentado, fazendo com que, cada vez mais, o homem inspire-se em figuras insípidas cujo o atrativo é somente a propaganda e o sentimento de pertencimento de manada.

Voltando ao ponto em que surgiu a incógnita acerca da motivação do declínio da sociedade, pois é necessário refletir a respeito de um possível [delir do propósito](#) que assola a juventude, como sendo algo

natural ou preordenado. A humanidade parece mesmo decair ante o fim, seja de um ciclo ou de sua existência, mas, é importante observar se tal declínio é uma questão do acaso ou uma armadilha muito bem preparada por aqueles que pretendem destruir aquilo que se solidificou durante os milênios de nossa existência.

É fácil observar que existe uma crença na qual é necessário destruir tudo aquilo que se construiu para reinventar a sociedade, acreditando que a única solução é a inventiva criação do progresso que, não podendo aproveitar o legado do passado, soterrará o mesmo para chegar a um futuro utópico imaginado. Em outras palavras fazer do mundo um paraíso. A parte que não é contada é como será o tal paraíso e o pior, quanto custará, não se trata de uma questão monetária, para estabelecer tal utopia.

Promessa mentirosa de um mundo perfeito, recriado segundo a imaginação de homens imperfeitos, passa pelas mais diversas propostas, todas tentando conduzir a humanidade a aceitação de que tudo pode ser relativizado, não havendo, portanto, uma “verdade absoluta”, ou seja, assumindo que narrativas são mais importantes que a verdade. Para isso, criam-se um mecanismo para difundir a [mentira como verdadeira](#), [calar que se contrapõe](#) e para envernizar a fraude com uma [falsa premissa](#) de academicismo.

Cada vez fica mais evidente que uma tentativa revolucionária poderia ser aquilo que move as engrenagens para levar o homem a sua derrocada, prometendo um fim maravilhoso, porém mentiroso, para dar o poder a um [centro nervoso](#), dotado da capacidade girar a roda do destino ao seu favor. Na trama doentia revolucionária os mais afoitos, ainda que movidos pela mais pura intenção, [sucumbiram ao tentar imprimir uma mudança pelos meios mais céleres](#), deixando a prudência de lado, por outro lado, os mais ávidos ao desejo momentâneo destruir-se-ão pela sua [própria temeridade](#), pois, correm o constante risco de uma vida desregrada, aquilo que se convencionou chamar de “vida louca” entre o lumpemproletariado.

A revolução precisa quebrar a sociedade, e não só ela, mas cada parte de sua menor fração, ou seja, para quebrar e reconstruir a humanidade, entender que é necessário destruir o indivíduo como ser, castrando-o. Subtrair a liberdade de consciência e forçar o homem a acatar o relativismo em lugar da verdade, o coloca em condição de ser não pensante, em que pese os revolucionários acreditem que questionam tudo, é nítido perceber como repetem mantras dos quais [sequer sabem o significado](#).

Isso decorre da falha primordial da revolução, posto que, sua artificialidade é o resultado de uma promessa mentirosa que não tem nenhum lastro na verdade, por isso, as pautas ora defendidas pelos revolucionários apresentam uma tendência natural em se conflitar, uma vez extremadas e sustentadas em narrativas, não conseguem se encaixar em uma malha natural. Tal incompatibilidade exige dos revolucionários adaptar suas propostas mentirosas a ponto de renunciarem-se, fazendo com que [minorias barulhentas](#) que servem aos interesses da revolução se calem de forma sepulcral ante algo que parece uma flagrante afronta a seus valores.

Em verdade não há valores por trás das minorias, são apenas massas de manobras capitaneadas por vassallos bem alimentados dos líderes revolucionários, líderes que não se furtam em beber o sangue de seus seguidores ou as embalagens vazias que precisam tocar o rebanho de vítimas para o abatedouro daqueles que os construíram e os alimentam. Um líder de movimento minoritário ou um artista de destaque sem talento, sabem que sua utilidade os coloca em condições favoráveis, desde que, jurem e pratiquem a vassalagem incontestada aos senhores da revolução.

A geração quebrada por suas próprias fraquezas alimenta a revolução ao passo que tornaram-se degenerados amantes do momento, [mimados que se entregam sem lutar](#) e pobre, não materialmente, mas [em suas virtudes](#).

O filme [Caçadores de Emoção](#) (Break Point) de 1991, estrelado por Patrick Swayze e Keanu Reeves tinha como pano de fundo uma gangue de criminoso que praticavam roubos para “manter seu vício” em uma vida de aventuras.

“Após uma série de assaltos a bancos bizarros no sul da Califórnia, com os bandidos usando máscaras de vários ex-presidentes, o agente federal Johnny Utah se infiltra na gangue suspeita de ter cometido os crimes. O grupo de surfistas, liderado pelo carismático Bodhi, é viciado na adrenalina do roubo. Porém, Utah se apaixona por Tyler, uma das integrantes do grupo, e isso complica o seu senso de dever”.

Embora seja somente uma obra de ficção, não há como negar que, no cenário atual, inúmeros crimes são praticados com o intuito de sustentar uma vida de vícios, sendo tal tese até acolhida por [magistrada da mais alta corte](#) de nossa nação. Não obstante, um espectro político, do qual aparentemente tal autoridade integra, constantemente defende a descriminalização do uso de entorpecentes, o que, sem dúvidas debilitará ainda mais as futuras gerações, que considerarão como algo normal o contato com determinadas substâncias.

A geração “vida louca”, que acredita que se entregar aos prazeres mais pueris de forma insensata é viver de maneira intensa, é incapaz de perceber que ao mesmo tempo que se julga capaz de subverter o sistema, acaba por aderir quaisquer modas que lhes são apresentadas com um caro ar de sedução ou, principalmente, impostas por uma visão de que, para pertencer a determinado grupo, faz-se necessário castrar a vontade individual e curvar-se aos desígnios daqueles que tocam a manada, ignorando que qualquer ação que seja considerada um desvio será motivo de açoite, da forma que, uma vez cooptado por determinado secto de uma suposta minoria, da qual pode o indivíduo fazer realmente parte ou somente está se inserindo por carência, não lhe será permitido se opor ao seu feitor.

Por derradeiro, fica evidente que há uma fase da vida em que o indivíduo acaba por portar-se de forma irresponsável, se vendo livre da autoridade familiar, sem, contudo, ter dado início a sua responsabilidade como adulto. Tal momento é oportuno para os anseios revolucionários, abrindo uma

janela para que seus líderes possam cativar o recém “liberto” e uma vez arregimentado, estará preso as fileiras vermelhas por diversos motivos, sendo um deles a fragilidade de que rompeu com a sua sociedade próxima e estável, a família, e rumou com aventureiros em busca de emoções baratas, fazendo de seus pares revolucionários o porto seguro de sua nova vida.

Ao se deixar encantar pela luta por uma utopia de perfeição, o indivíduo assimilará todas as mentiras como fontes de sua existência, por vezes reagindo de forma irracional quando confrontado diante de uma verdade que não consegue negar. Ainda pior será quando os laços construídos junto às legiões revolucionárias tiver efeito real sobre o mesmo.

Se renunciar à fé que abraçou ao se converter como membro da horda da revolução é algo hercúleo, torna-se ainda mais difícil quando há uma depravação moral ou até mesmo física. Não por acaso, os agentes revolucionários lutam pela destruição de laços de família, amizade e honra, mas pela renúncia constante de virtudes e pela submissão dos incautos ao seu veneno escravizante que são os entorpecentes.

Para estes líderes, seus feitores e vassallos bem alimentados é essencial inculcar nos indivíduos a vida sem responsabilidade, na qual não há consequências das ações, relativizando qualquer que seja o pecado. A derrota é precedida pela fraqueza e os planos revolucionários passam pela eliminação de tantos quantos forem necessários para a construção de seu utópico mundo perfeito, ainda que este nunca seja alcançado.



José Bonifácio, O Patriarca

Por Maurício Motta



O ano de 2022 é de crucial importância para a história do Brasil. Como sabemos, este ano teremos eleições para os poderes executivos de estados e em nível federal, além da reconfiguração das cadeiras das casas legislativas (câmaras e um terço do Senado Federal). Esta eleição poderá representar também, mudanças significativas na composição da instância máxima do Poder Judiciário. Como não bastassem tantos elementos importantes, 2022 é também o ano do bicentenário da Independência do Brasil.

Em 1822 o Brasil contava com nomes exemplares que são a base e o fundamento da construção de um país que hoje buscamos preservar: D. Pedro I, D. Leopoldina da Áustria e, por último, mas não menos importante, José Bonifácio de Andrada e Silva, o Patriarca da Independência. Homem que com todos os méritos ocupa com destaque merecido, posição importante nas histórias do Brasil e de Portugal. Esta figura ímpar na lista de heróis nacionais do Panteão da Pátria é o tema deste primeiro artigo preparatório à comemoração do bicentenário da independência.

Nascido em Santos, São Paulo, no dia 13 de junho de 1763, sendo filho de Bonifácio José Ribeiro de Andrada e Maria Barbara da Silva, José Bonifácio contou com a formação possível a um jovem em Santos, mas em 1777 precisou ser direcionado a São Paulo para a conclusão de seus estudos básicos, onde

estudou gramática, lógica e retórica (Trivium). Aos dezoito anos foi enviado a continuar seus estudos em Portugal, devido às políticas de Estado da Coroa portuguesa, que não concedia cartas régias que permitissem a abertura de cursos superiores no Brasil. Seu destino foi a Universidade de Coimbra, onde dois de seus tios já haviam se formado e que proporcionaria as condições necessárias para o desabrochar de suas potencialidades.

Na Universidade de Coimbra matriculou-se em dois cursos simultaneamente, o curso de Direito Canônico e o curso de Filosofia Natural. Em 1787 conclui o bacharelado no curso de Filosofia Natural e no ano seguinte consegue seu segundo bacharelado em Direito.

Em 1789 alcançou feitos memoráveis, pois habilitou-se à magistratura e associou-se a Academia de Ciências de Lisboa. Naquele mesmo ano é convidado a integrar missão de estudos que se efetivou em 1790, a qual iniciou pela França e avançou em suas pesquisas nas ciências de química, geologia, mineralogia e metalurgia, quando viajou à Itália, Áustria, Hungria e Alemanha, fixando-se por aproximadamente dez anos em Freiburg. O interesse daquela missão era o de aprofundar os conhecimentos nos estudos minerais, o que proporcionaria muitos avanços às ciências em Portugal, e conseqüentemente riquezas.

A segunda metade do século XVIII foi um momento de efervescência de ideias na Europa. O conhecido século das luzes influenciou os jovens estudantes daquele período e teve impactos diretos no processo de independência americana e na Revolução Francesa. Bonifácio não estaria imune àquelas ideias. Seu período inicial na França possibilitou testemunhar os eventos revolucionários e parte do morticínio parisiense. A experiência dramática, somada às ideias que cultivava no terreno do Iluminismo, fez de Bonifácio um iluminado diferenciado. Sem o fetiche racionalista anticlerical, mas atento às questões sociais, acrescido de uma profunda formação filosófica clássica, fez dele um homem preparado para os desafios que enfrentaria em seu futuro.

Em 1800, tendo retornado a Portugal, é criada a cadeira de metalurgia na Universidade de Coimbra, especificamente para aproveitar seus conhecimentos acumulados. Foi também nomeado intendente-geral das Minas e Metais do Reino, diretor das Casas da Moeda, Minas e Bosques e membro do Tribunal de Minas. Mesmo sob tantas responsabilidades, foi chamado a se ocupar com a gestão do plantio de pinhais, no que ele pôde demonstrar uma preocupação bastante precoce com a integração do homem ao meio natural. Fato que ele já havia demonstrado anos antes ao apresentar seu estudo intitulado “Memória sobre a Pesca das Baleias”, para acesso à Academia de Ciências de Lisboa. Naquele trabalho dizia ele: *“É que o meu interesse é pôr aos olhos dos que podem emendar os abusos, a perda que anualmente recebe esta pescaria, já pelo mau método de pescar as baleias, já pelo péssimo fabrico do azeite extraído. É fora de toda a dúvida que matando-se os baleotes de mama, venha diminuir-se a geração futura, pois que as baleias por uma dessas sábias leis da economia geral da natureza, só parem*

de dois em dois anos um único filho, morto o qual, perecem com ele todos os seus descendentes". Anos mais tarde ele acrescentou às suas ideias a seguinte observação: *"Sem matas, quem chupará dos mares, dos rios e lagoas os vapores que dissolvidos e sustentados na atmosfera caem em chuva e em parte decompostos em gases, vão purificar o ar e alimentar a respiração dos animais? Quem absorverá o gás ácido carbônico que deles expiram, e soltará outra vez o oxigênio que aviventa o sangue e que sustenta a vida?"*.

A partir de 1808 comandou forças de resistência às invasões francesas sob Napoleão, quando buscava defender a cidade de Coimbra, somando mais uma competência às muitas habilidades que já possuía. Seu antigo sonho de retornar à terra natal só pôde se realizar em 1819, quando já era Secretário Perpétuo da Academia Real de Ciências de Lisboa e, em seu discurso de despedida dos membros daquela entidade anunciou: *"É esta, ilustres acadêmicos, a derradeira vez que tenho a honra de ser o historiador de vossas tarefas literárias e patrióticas, pois é forçoso deixar o antigo que me adotou por filho para ir habitar o novo Portugal onde nasci. Depois que deixei na adolescência a amena província de São Paulo e me acolhi à Lusitânia, que meiga me recebeu em seus hospedeiros braços, trinta e seis anos são passados"*.

Em 1820 já no Brasil, e após algumas incursões de pesquisa por São Paulo, José Bonifácio foi nomeado Conselheiro por D. João VI. Aqueles foram dias agitados para o Brasil e em especial para Bonifácio. Em 1821 a Revolução Liberal do Porto impunha o regresso do rei a Portugal, mas também abria as portas da participação da família Andrada na política nacional. Antônio Carlos era Deputado, Martim Francisco era Secretário de Estado, ambos eram irmãos de Bonifácio, que ocupava então a posição de vice-presidente da província de São Paulo (cargo hoje equivalente ao de vice-governador).

Em carta aos deputados brasileiros que defenderiam os interesses nacionais frente às cortes portuguesas, Bonifácio mais uma vez demonstrou o quanto estava adiantado em relação à visão de um Estado que sequer existia de fato: *"Que se cuidem legislar sobre a catequização e civilização geral e progressiva dos índios bravos que vagueiam pelas matas, e sobre melhorar a sorte dos escravos, favorecendo a sua emancipação gradual"*. Reivindicava também a criação de escolas e de uma universidade para o Brasil (em São Paulo). Defendia o Brasil unido, formado por suas províncias e governado por um governo geral (brasileiro). Aquelas eram ideias diametralmente opostas às pretendidas pelos pares portugueses.

Coube também a Bonifácio o pedido feito a D. Pedro para que este não atendesse à determinação vinda de Lisboa, que impunha seu retorno a Portugal. Em atenção àquele pedido D. Pedro proferiu a célebre frase, *"Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, estou pronto, digam ao povo que fico!"*.

Convidado por D. Pedro a ocupar o cargo de Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Reino e Estrangeiros, Bonifácio foi testemunha e partícipe dos eventos que culminaram com as mensagens escritas por D. Leopoldina e por ele mesmo, onde D. Pedro era informado sobre o envio de tropas vindas de Lisboa para conduzi-lo de volta a Portugal. Era chegado o momento, o sentimento estava amadurecido e Bonifácio sabia disso. Liberdade!

Apesar das sugestões de D. Leopoldina para que D. Pedro I ouvisse os conselhos de Bonifácio, a relação entre ambos não poderia perdurar. Em razão do caráter impetuoso e quase autocrata do novo imperador, em 1823 Bonifácio se vê obrigado a renunciar ao cargo de Ministro. As diferenças de visão quanto à maneira de governar, a oposição de seus adversários políticos e até mesmo as posturas pouco ortodoxas no que tange ao comportamento sexual do imperador, inviabilizaram a continuidade de seu ministério. Com isso, a participação política do grande arquiteto da independência foi posta em compasso de espera. Espera de novos movimentos da história que mais uma vez trariam ao centro do poder aquele que muito ainda havia de oferecer ao Brasil.

Em 1831, somadas as crises internas em virtude de sua gestão, e a crise sucessória em Portugal após a morte de D. João VI, D. Pedro I abdicou do trono nos seguintes termos: *"Usando do direito que a Constituição me concede, declaro que, hei mui voluntariamente, abdicado na pessoa do meu muito amado e prezado filho, o sr. D. Pedro de Alcantara"*. Com apenas cinco anos de idade, o futuro imperador necessitava de uma condução que o preparasse para a dimensão da responsabilidade que, em sua tenra infância, sequer suspeitava. Ainda que as diferenças políticas tivessem afastado D. Pedro I de seu antigo conselheiro e amigo, não haveria ninguém com mais preparo, habilidade e caráter ilibado para receber a honrosa tarefa de guiar o pequeno e majestoso pupilo.

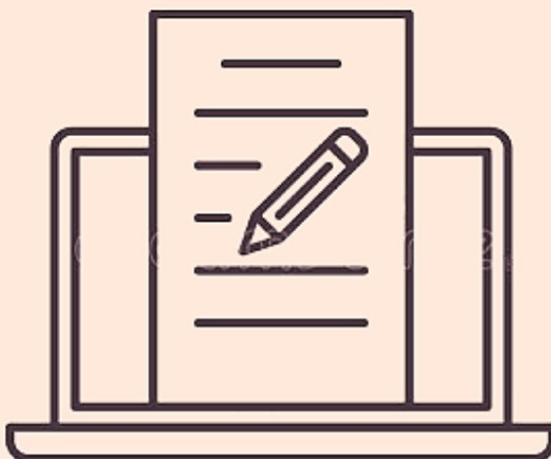
Apenas dois anos durou a tutoria de Bonifácio junto ao menino Pedro II. Em 1833 mais uma vez seus adversários políticos buscaram afastá-lo do cargo e da possível influência que poderia impor ao futuro imperador.

José Bonifácio afastou-se de vez da política, ao que parece decepcionado com a pequenez de espírito já vigente no seio da política nacional àquela época, mas é certo que buscava naquele momento em que já se via maduro, realizar seu singelo desejo confidenciado em 1806 ao conde de Linhares: *"Estou doente, aflito e cansado e não posso com tantos dissabores e desleixos. Logo que acabe meu tempo em Coimbra e obtenha a minha jubilação, vou deitar-me aos pés de S.A.R. (Sua Alteza Real) para que me deixe acabar o resto dos meus cansados dias nos sertões do Brasil, a cultivar o que é meu"*. Assim foi! A singela Ilha dos Amores (atualmente Paquetá), na graciosa Baía da Guanabara no Rio de Janeiro, foi o retiro escolhido por um dos maiores brasileiros que esta Nação viu nascer. Em Paquetá, em uma casa simples, diante da grandeza de seu morador, José Bonifácio de Andrada e Silva encerrava em 6

de abril de 1838 sua passagem por este mundo, deixando como legado a sua história e um país que, se existe hoje tal qual conhecemos, se deve em seus fundamentos à sua valiosa contribuição.

O Brasil de 2022 se assemelha ao de 1822, empenhando sua liberdade aos homens de honra que juraram defendê-lo, vê-se ameaçado por forças inimigas que querem reduzi-lo à servidão, mas com Deus e por Sua misericórdia, venceremos!

REVISTA CONHECIMENTO & CIDADANIA



**Acompanhe nosso
blog!**

Por que acontecem tantos males no mundo?

Por Danielly Jesus



Certa vez minha mãe me confidenciou algo que não entendia: *“Por que ainda existem tantas pessoas passando fome no mundo? Por que ainda existem guerras, pessoas morrendo? Não existe a ONU, Unesco, Unicef, todas essas instituições? Então por que tudo permanece como está?”* À época eu não tinha o conhecimento que possuo hoje, então não tive uma resposta para dar. Porém, a mesma dúvida de minha mãe era a minha, e de certo, é a de muitas pessoas.

A *Organização das Nações Unidas* foi criada em 1945, em substituição à *Liga das Nações*, logo após a *Segunda Guerra Mundial*. É formada por subdivisões que tratam de assuntos mais específicos, como Unesco (Educação e Cultura), OMS (Saúde) e a FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura). Com pastas variadas para tratar de assuntos tão importantes, não seria lógico que os problemas fossem amenizados ao invés de piorarem?

O que a maioria não sabe é que a ONU não foi criada para resolver problemas: ela é o problema. E nas linhas a seguir tratarei de explicar as razões.

Para começar, desde os primórdios da criação da organização, os secretários-gerais são ligados à ala progressista. O escritor *David Allen Rivera*, em sua obra *“Final warning”* explica:

“Trygve Lie, o primeiro secretário-geral oficial da ONU, foi membro elevado do Partido Trabalhista Social Democrático da Noruega, uma espécie de ramificação da Terceira Comunista Internacional. Dag Hammarskjold, o segundo secretário-geral, foi um socialista sueco, que abertamente defendia políticos comunistas, e U Thant, o terceiro secretário-geral, era marxista.”

Este último, *U Thant*, defendia uma nova ordem mundial para a “sobrevivência da humanidade”:

“Os federalistas mundiais têm diante de nós a visão de uma humanidade unificada vivendo em paz sob uma ordem mundial justa. O coração de seu programa – um mundo sob a lei - é realista e alcançável.” (citado por Tom Hudgens na obra “Let’s abolish war”)

“Pela primeira vez na história da humanidade, nos encontramos presos em uma crise mundial crescente que engloba tanto os países desenvolvidos quanto os países em via de desenvolvimento (...)Torna-se evidente que se as tendências atuais se prolongarem, a vida na Terra poderá estar ameaçada.”

Uma das “tendências” a que Thant se refere é a “**superpopulação**”. Desde os primeiros relatórios e conferências acerca do meio ambiente (chancelados pela ONU), o objetivo era explanar ao mundo que a “superpopulação” seria uma das principais causas do desequilíbrio ambiental. E para diminuir o índice populacional, a elite mundial não tem vergonha alguma de dizer que é necessário matar para atingir tal “equilíbrio”.

“Nenhum objetivo é mais crucial do que este (redução populacional) para remediar a crise ambiental (...)” (Relatório “Limite ao crescimento”, produzido pelo Clube de Roma)

Eis o que *Jacques Yves Cousteau*, cineasta, oceanógrafo e inventor, disse em uma entrevista para a revista mensal da Unesco, *“Unesco Courier”*, em novembro de 1991:

“Todo mundo está convencido disto: o crescimento da população não pode continuar assim, anarquicamente, de um modo canceroso (...) é terrível dizer. Mas é preciso que a população mundial se estabilize, e para isso será necessário eliminar 350.000 homens por dia.”

O escritor *Pascal Bernardin*, em sua magnífica obra *“O Império ecológico”*, tenta responder àquela pergunta do início do artigo:

“O mito da superpopulação facilita, então, os caminhos tomados pelos demônios dos quais a humanidade não tem aprendido a se defender: aborto, eugenia e eutanásia”

E nesta lista, incluo a **fome**.

Em 2008, o professor do Departamento de Ciência Política da Universidade do Havai, **George Kent**, publicou um artigo interessante no site oficial da ONU, intitulado **“Os benefícios da fome mundial”**. Eis como o dito professor inicia sua dissertação:

“Às vezes falamos da fome no mundo como se fosse um flagelo que todos queremos ver abolido, encarando-a como comparável à peste ou à sida. Mas essa visão ingênua nos impede de entender o que causa e sustenta a fome. A fome tem um grande valor positivo para muitas pessoas. Na verdade, é fundamental para o funcionamento da economia mundial. As pessoas famintas são as mais produtivas, especialmente onde há necessidade de trabalho manual.”

E por que este artigo é interessante? Porque ele, assim como a citação de Pascal Bernardin, responde ao questionamento que abre este artigo: não há interesse por parte da ONU e de seus tentáculos em acabar, ou ao menos, amenizar problemas tão graves. Por conta da ambição de uma elite globalista por controle social e populacional, há interesse em manter (e piorar!) situações que ocorrem no mundo.

O artigo em questão foi apagado recentemente, pois foi descoberto e difundido em mídias conservadoras. Porém, a organização alegou que o mesmo era um texto “satírico”, uma piada, e que foi apagado por ter sido levado à sério demais. Bom, tratando-se da ONU e de seus afiliados, não é surpresa. Afinal, a única coisa que levam a sério são seus planos de dominação.

Pascal demonstra que o homem, a criação prima de Deus, foi rebaixado a um ser coadjuvante sem importância, sem personalidade, sem alma:

“Não é mais o homem, criado à imagem de Deus, que se deve defender, mas a Terra, Gaia, a Natureza, as árvores e os animais. Tanto isso é verdade que o homem, abandonado à sua natureza ferida, torna-se facilmente um brinquedo de forças infernais.”

Hoje posso responder à pergunta feita por minha mãe: a fome e outros males permanecem em plena atividade porque eles contribuem para um plano diabólico de dominação que visa destruir o ser humano e beneficiar a elite globalista, que se coloca como dona do mundo e única sociedade que tem direito de viver plenamente. O que chamam de teoria da conspiração acontece debaixo dos nossos narizes. Só não vê quem se recusa a enxergar.

No resgate da cultura humana a referência é a luz Continuação

Por Edson Araujo



Continuaremos a ideia proposta na edição anterior onde procuro levar a reflexão sobre a luz que queremos ter, ser primeiro, a luz que devemos ser.

Muitos, ditos conservadores, têm tentado trazer o espírito revolucionário como um meio de solucionar nossos problemas atuais, porém, há que sabermos que as revoluções nunca resolveram problemas sociopolíticos, e sim, causaram um grande estrago na pouca ordem que deveria ser estabelecida antes de qualquer tentativa de trazer algo novo e melhor.

Penso que concordamos que se trouxéssemos apenas pouco de ordem, primeiro em nós e depois na sociedade, teríamos um grande número de nossos problemas resolvidos, pois como em qualquer ambiente, nunca devemos nos propor a fazer cumprir sua função sem antes organizarmos e promover que cada um saiba seu papel.

Lembro que os cidadãos se quer sabem qual seu papel, pois pensam que é apenas votar e depois cobrar seus representantes.

Para além disso, temos que ter bem clara nossa posição, por exemplo: Cada um de nós deveria antes mesmo de discutir política, deveríamos estudar e fazer política, seja ela partidária, de mandato ou mesmo de gabinete.

Por esse motivo, esta revista, como veículo de ascensão cultural, disponibiliza um brilhante caderno chamado: Direito nas escolas, que tem como finalidade trazer noções de direito aos jovens para

que se enriqueçam a respeito de seus direitos e deveres, mas não há ali a adesão que gostaríamos de ver, porém sabemos o valor da mensagem e dia a dia, vamos levando essa luz tão necessária e que em algum momento será notada e poderá ser um instrumento poderoso no resgate cultural dos nossos jovens. Estamos trabalhando em livros, revistas, dicas culturais e até mesmo nos aproximando da trilha da política para qualificarmos estes espaços que outrora deixamos livres e então, os mal-intencionados os usassem para propósitos nada humanos.

Nós conservadores sabemos que não será fácil e nem rápido o resgate que desejamos, mas com convicção, constância e firmeza de propósito, chegaremos lá, se não nós, nossos filhos, netos, bisnetos, em fim, não é sobre quem vai usufruir de um mundo novo e melhor e sim, sobre promovê-lo para que numa corrente inquebrável os que virão e os nossos estarão entre eles possam estar inseridos nele.- Não é sobre pessoas, mas sobre ideias, e são elas que no fazem vibrar cada vez mais; a cada momento que conseguimos encaixar mais uma pedra desse quebra cabeças.

Hoje mais que ontem já conseguimos ver a imagem que tanto importa para nós direcionar e animar em direção ao nosso alvo: Um mundo novo e melhor.

Por tanto, não devemos esmorecer e muito menos desistir, para tanto, tenhamos essa ideia, não fora, mas dentro de nós para que onde quer que vamos, levemos esta experiência aos outros. Que Deus abençoe nossa jornada!

REVISTA CONHECIMENTO & CIDADANIA



**Inscreeva-se no
canal!**

A dominação sorrateira

Por Pedro Costa

A guerra sempre fora uma forma de um grupo exercer sua força sob outro, desde tribos, clãs, famílias, reinos, impérios, entre tantos outros, todavia, a Guerra Fria pôs um fim neste tipo de guerra, embora esteja ocorrendo entre Rússia e Ucrânia, mas até mesmo esta guerra, não é tão atroz quanto as anteriores, acaba por ser mais um embate econômico do que um enfrentamento direto.

Disto, retemos vários pontos a serem abordados. Primeiramente, deve-se ter em mente um escalonamento entre poder e riquezas, isto é, Elon Musk não retém o poder para decretar uma guerra direta contra um Estado, ao menos no cenário atual, desconsiderando algo utópico como uma frota de robôs ou qualquer ideia neste sentido, no mais tardar, temos a inviabilidade de um país se virar contra uma religião, pois tende a ser um degrau mais forte para as pessoas, o mais patriota que alguém seja, sua fé ainda será mais resguardada.

Com tal efeito em mente, temos um caso concreto sobre a dominação dos três pontos, isto é, as pessoas dariam suas vidas em prol de proteger sua fé, um Estado terá o poderio militar, instituições para instruir estas, e a riqueza para comprar armamentos, ou até, entrar numa guerra econômica, visto que, um mega milionário não faz frente a um país, todavia, se este tiver consigo um Estado, o qual necessariamente haverá poderio militar, justamente por ter essa fonte econômica para comprar seus equipamentos, poderá exercer tal controle.

Não parando aí, também há o caso da fé, como todo país comunista, a religião é rechaçada pelo ente autoritário, criando com o passar dos anos uma adoração ao governante, substituindo sua bravura pela fé, no jargão “pela causa” do comunismo, é claro. Com isso, há de tudo para dominar um grupo, indiferente da abordagem, ou de que grupo seja, pois há o âmbito econômico, religioso é estatal.

Muitos já devem saber de quem estou a falar, mas para aquele que não o tenha entendido, farei algumas demarcações em seu domínio expandindo ao redor do mundo.

Ao começarmos na América do Sul, continente com inúmeros governos ditatoriais, obviamente comunistas, e a China se aproxima desta forma, principalmente pela [Argentina](#), por ser um país grande, com mão de obra, e é justamente o que a China deseja, um país se afundando na lama, em que o governo quer manter-se rico, e para isso, venderá o seu povo afim da economia chinesa em prol de seu locupletamento. Com a moeda Argentina sem valor, a China pagará miséria para o povo trabalhar em suas [usinas](#), por exemplo.

Conforme o governo argentino subtrai os ganhos e vendem seu povo à China, ficam na mão dos chineses, mas, ao mesmo tempo, para a estabilização de seus interesses, são como aliados pelo bem do comunismo.

De tal forma, cedem espaço para os [chineses terem bases militares na América](#), não somente na argentina, todavia, este será seu principal foco, pois como dito, os argentinos serão usados como massa, inclusive para guerras, caso seja necessário para tomar a América Latina.

Similarmente ao ocorrido nas Américas, temos a presença também na [África](#), inclusive de forma [militar](#), sendo mais uma forma de expansão deste governo ditatorial, que através da fonte econômica começa a interligar todos os governos socialistas mundiais, impondo seu poderio militar para impedir que tais governos possam melhorar, como foi o caso do Brasil, que já estava exausto destes governos os quais acabam com o povo, para reter poder e impôr um regime comunista, se tivéssemos nas mãos chinesas, jamais Bolsonaro chegaria ao cargo de Presidente da República, mesmo que o povo o quisesse, pois dizem democracia, mas defendem o fim desta.

Para finalizar, devemos lembrar que a China não avança apenas geograficamente, mas retém uma forte representação cultural, com suas big techs. Por exemplo, no mundo dos jogos, Tencent, uma empresa chinesa, é uma das maiores empresas de games, caso não seja a maior, isto é, ela tem fortes investimentos e ações em empresas como Epic Games, Blizzard, Activision, Garena, Riot, SuperCell e até mesmo Dark Souls, é basicamente impossível algum jovem não conhecer, no mínimo, uma dessas empresas, isto sem falar de outras redes sociais, como ByteDance, dona do TikTok.

A China está em crescente expansão, em diversos sentidos, e acaba por passar despercebidos pelas fontes de mídia ignorarem o fato, ou fazerem parte do plano, abafando os casos de forma proposital.



O Senador Incitatus

Por Leandro Costa

Incitatus pode ter sido o membro mais peculiar do Senado romano ou uma desinformação seletiva, mas a resposta, até hoje, intriga e divide aqueles que se interessam pela história da civilização que outrora conquistou grande parte do mundo e que influenciou de forma ímpar toda a civilização ocidental.

Tal figura que pode ter ocupado ou não o posto de parlamentar no primeiro século depois de Cristo, teve sua origem na à época chamada Hispania, atualmente a Península Ibérica, local em que se situam Espanha e Portugal. Era uma figura imponente e próxima do Imperador Calígula que, segundo alguns relatos, o nomeara para a função de Senador de Roma,

Há que diga que o Imperador o fez para demonstrar seu total poder e a submissão do Senado à sua vontade, impondo aos demais senadores tamanho dessabor ante sua fraqueza perante o César. Qualquer semelhança com uma case de igual nome nos tempos atuais, é mera coincidência.

Outros tantos apontam que Calígula teria apenas insinuado que faria a nomeação como forma de provocar senadores que demonstravam grande incapacidade para o posto que ocupavam, seria nada mais que uma insinuação jocosa por parte do primeiro cidadão romano. Entretanto, com o fim de difamar o Imperador, espalhou-se a notícia da nomeação para dar tom de seriedade ao fato, colocando assim a imagem do governante de Roma como um indivíduo desrespeitoso.

Tal hipótese seria nada mais que distorcer as falas do Imperador para dar-lhe um tom de desequilibrado e desviar a atenção do real problema, que seria a incompetência ou o despotismo de parte dos senadores, o que, também parece uma prática que perdura até a contemporaneidade. Quem imaginaria a possibilidade na qual alguém dá interpretação distorcida às palavras de um governante para prejudicá-lo e, ao mesmo tempo, proteger que pouco ou nada faz pelo povo?

Para quem não conhece a história, Incitatus, que de fato nascera no extremo oeste do Império, era sim próximo de Calígula, mas não por ser seu amigo ou parente, mas por ser seu cavalo. Sim Incitatus era um equino e o Imperador teria sugerido sua nomeação para o Senado.

Em uma das hipóteses o governante de Roma agira como um louco e, de fato, deu posse ao seu animal, tornando-o membro do Senado, assim teria afirmado que os membros daquela casa não significavam nada e poderia suplantar seus poderes quando bem o quisesse. Como mencionado, estaríamos diante de senadores fracos, o que não foi a última vez na história.

Por outro lado, Calígula pode ter apenas dito que empossaria Incitatus como Senador para provocar os membros daquela case e fazer com que saíssem de uma zona de conforto em nome de seu orgulho, já que não o faziam pelo povo romano. Também é importante constatar que há indivíduos que, no desempenho de suas funções, estão aquém de animais, de tal sorte, teria o Imperador insinuado que

mesmo um cavalo seria um Senador de melhor desempenho que alguns que à época ocupavam aquela posição.

Não tendo meios de contradizer as provocações de Calígula, pode ser que senadores e seus asseclas tenham transformado a justa provocação em um devaneio por parte do governante, como forma de desinformar o povo acerca das reais intenções do mesmo. Não havia internet para buscar informações de fontes diversas e, portanto, permaneceremos com a dúvida.

Independentemente do que tenha ocorrido, grande parte das pessoas consideram que seus representantes poderiam sim ser trocados por um equino, seja o motivo que for, pode ser até que não estejam errados, mas o descrédito das instituições é um processo de implosão no qual a desmoralização ante a sociedade decorre necessariamente pela ação dos membros dela própria.





ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE JURISTAS CONSERVADORES

Caderno ABRAJUC

Primeiro Fórum da ABRAJUC

Mesa Liberdade de Expressão

Por Pedro Costa

Para a terceira mesa tivemos Carmen Eliza, Promotora de Justiça no Rio de Janeiro, como mediadora do debate, Luiz Antonio Ayres, Procurador de Justiça no Rio de Janeiro, sendo um debatedor e para completar a mesa, Antonio de Moura, Procurador Federal da Advocacia-Geral da União.

Antes de falar de liberdade de expressão, precisamos considerar o que é expressão. A preocupação principal é o que iremos expressar, para termos a liberdade de expressão como algo fundamental, isto é, desde falarmos, escrevermos, gesticularmos.

Nomear e qualificar é parte essencial da expressão humana, é um sentimento amargo quando vemos que tem sido nos tirado esta capacidade conforme o passar dos anos. Sem podermos qualificar o que é bom e o que é mau, jamais os perceberemos, similarmente, sem os nomear, os perderemos de vista. Para o mal triunfar, não precisa que o mal seja mais forte, mas sim, que o bem se cale, o silêncio dos bons da voz aos maus, e perdermos a capacidade de separar os bons dos maus é fundamental para que redirecionemos nossa atenção aos atos destes, precisamos pensar como conservadores quando vemos toda nossa produção cultural nos afastando do bem e do mal.

Acaba por ficar evidente nos mais jovens que o bem e o mal, depende, não importa, perde-se a caracterização da sua própria existência quando falta tal diferenciação. Perdemos a questão do imaginário, quando voltamos nos tempos passados, na literatura, inclusive, tinha um pensamento imaginário, um incentivo ao indivíduo buscar a transcendência de si próprio, uma abdicação de vontades mundanas.

Com as revoluções nos passadas, houve uma concentração de tudo no Estado, sua religião não lhe diz nada, só há uma relação de autoridade quando recebemos algo do Estado. Tudo que ocorre, contribui para o crescimento do Estado, pois apagamos a legitimidade das pessoas, hoje, se alguém defende sua família, o primeiro pacifista dirá que a violência nunca é a resposta, vejam, a violência jamais é justificada se praticada por um indivíduo sem estar representando o Estado, de forma que quem está no governo queira.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE JURISTAS CONSERVADORES

Caderno ABRAJUC

Vejamos a condição quase divina que tratam a palavra democracia, o valor simbólico de tal expressão. Atualmente, democracia não é mais uma palavra que se submete ao debate público, ao crivo do povo, opinião das pessoas, tornou-se algo santo, tudo podem se for justificado como forma de defender a democracia. Similarmente, temos o Estado de Direito também santificado, assim como instituições.

As instituições existem para servir aos homens, e não o oposto, o homem não vive para defendê-las, quando o partido Bolcheviques se intitulou como o partido da maioria, tomou para si o discurso de democracia, passando a incorporar aquilo que Rousseau tomou como vontade da maioria, e a tirania que acaba com a liberdade do indivíduo seria a tirania, quando temos eras passadas, existia a igreja como força armada, o governo, um agregado de mercadores, navegadores, então havia um equilíbrio de tantas forças, evitando que nenhuma se sobreponha às outras de forma tirânica, na Revolução Francesa, isto acabou, unificando todas as forças em um único ente, vejam que coisa poderosa, na época, quando alguém o chamava de extremista, a pessoa era morta.

O desafio dos conservadores em defesa da liberdade de expressão, apesar da angústia, é enfrentar este medo, diminuir tal poder. Desde o interior de Pernambuco, onde amigos querem trocar brincadeiras, sentem medo de ser punido por uma brincadeira boba, e o poder é avassalador, controlar um discurso de norte a sul do mundo. Precisa-se devolver ao brasileiro, devolver o imaginário que nos falta, assim como resgatar o significado das palavras, retomar o vocabulário rico.

O último passo para colocarem em prática o domínio da liberdade individual, é a desumanização do outro, nós que não somos de esquerda, somos visto como merecedores de algo, inclusive, autoritário. A ponto de prenderem um parlamentar, o qual retém até mais direito de expressão, ser preso injustamente, mas as pessoas não discernem o errado do certo, uma vez que fora de seus círculos, não consideram como humanos, e sentem-se indiferente à um ato tirânico.

Variedades

Sugestões culturais

Por Edson Araujo

Livro:

O mestre dos mestres

Jesus, o maior educador da história

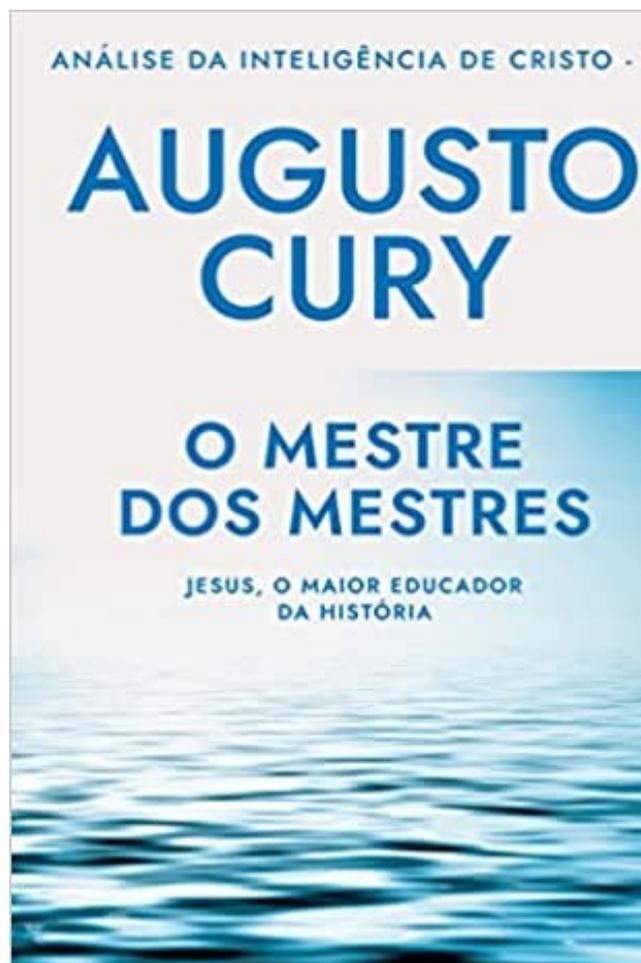
Abrindo a coleção Análise da Inteligência de Cristo, Augusto Cury faz uma abordagem original da vida de Jesus, revelando que sua inteligência era ainda mais grandiosa do que imaginamos.

Ao longo da história, muitas pessoas conseguiram mudar o curso da política, da filosofia, da ciência ou da religião. Houve um homem, no entanto, que foi capaz não só de abalar os alicerces do pensamento como de transformar para sempre a trajetória da humanidade.

Esse homem foi Jesus Cristo, e seus ensinamentos geram frutos há mais de 2 mil anos. Sua incomparável personalidade o torna o perfeito ponto de partida para uma investigação sobre o funcionamento da mente e sua surpreendente capacidade de superação.

Sob o ponto de vista da psicologia, Cury apresenta um fascinante estudo do comportamento de Jesus, iluminando os aspectos mais notáveis de suas atitudes.

Não importam quais sejam suas crenças, sua religião, posição social ou condição financeira, a mensagem de Cristo é universal e fala ao coração de todas as pessoas.

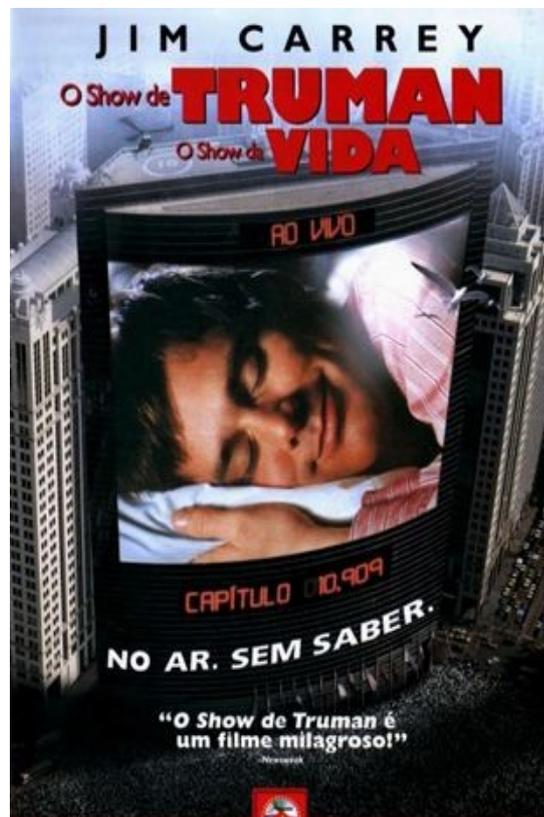


Filme:

Show de Truman

Um homem tem sua vida inteira filmada e transmitida ao vivo pela TV, 24 horas por dia via satélite para todo o mundo, desde o seu nascimento. O filme começa a partir do episódio 10.909 desde o lançamento do Show. É o 30º ano ininterrupto de transmissão do "show" da vida de Truman Burbank como a primeira experiência de um "show real", pois Truman desconhece ser um personagem. Truman faz o "papel" de um corretor de seguros, é casado, e possui um amigo de infância, que sempre chega a sua casa com cervejas. Todos os dias cumprimenta seus vizinhos, da mesma forma, vai ao jornaleiro comprar revistas para sua mulher, encontra dois senhores que sempre prometem procurá-lo na seguradora.

Tudo acontece num grande estúdio, na verdade o maior estúdio cinematográfico do mundo, que ao lado da Muralha da China é a única construção humana visível do espaço, é uma ilha chamada Seahaven: as casas, as ruas, os automóveis, o céu, o mar, a lua, o anoitecer, e a chuva, tudo se passa dentro de uma enorme cúpula, mas Truman não conhece esses limites: ele nunca viajou, nunca saiu de sua cidade, nunca ultrapassou suas margens. Cerca de 5 mil câmeras, filmam cada movimento de Truman, milhares de pessoas trabalham dia e noite para que o show funcione com total verossimilhança com a realidade. É um mundo dentro de outro mundo. O criador do programa é Christof. O programa é transmitido sem nenhuma interrupção, nem mesmo intervalo publicitário. A publicidade é feita de maneira diferente, explica Christof em uma das poucas entrevistas que concede que "tudo está à venda" o que os atores comem, roupas, até mesmo as casas em que vivem.



Música:**O Melhor de Tchaikovsky**

Piotr Ilitch Tchaikovski foi um compositor russo do período romântico, cujas obras estão entre as mais populares do repertório clássico. Primeiro compositor russo a conquistar fama internacional, sua carreira foi impulsionada por sua participação como regente convidado em outros países da Europa e nos Estados Unidos.

[Clique na imagem e ouça](#)

**Poema:****Rabindranath Tagore**

Senhor! Dá-me a esperança, leva de mim a tristeza e não a entrega a ninguém.

Senhor! Planta em meu coração a sementeira do amor e arranca de minha alma as rugas do ódio.

Ajuda-me a transformar meus rivais em companheiros, meus companheiros em entes queridos.

Dá-me a razão para vencer minhas ilusões.

Deus! Conceda-me a força para dominar meus desejos.

Fortifica meu olhar para que veja os defeitos de minha alma e venda meus olhos para que eu não cometa os defeitos alheios.

Dá-me o sabor de saber perdoar e afasta de mim os desejos de vingança.

Ajuda-me a fazer feliz o maior número de possível de seres humanos, para ampliar seus dias risonhos e diminuir suas noites tristonhas.

Não me deixe ser um cordeiro perante os fortes e nem um leão diante dos fracos.

Imprime em meu coração a tolerância e o perdão e afasta de minha alma o orgulho e a presunção.

Deus! Encha meu coração com a divina fé... Faz-me uma mulher realmente justa.

Para ajudar a continuarmos com este trabalho, doe qualquer quantia: PIX: 28.814.886/0001-26

Tijuca

Por Munique Costa

Na época do descobrimento do Brasil, os primeiros exploradores que chegaram nesta região ouviram dos índios a expressão "Tijuca", que na língua tupi quer dizer charco, pântano, alagadiço. De fato toda área ao pé no maciço da Tijuca e da serra do Andaraí era um grande pântano, que até o governo do marquês de Pombal, administrador da colônia no reinado de dom José I, pertencia aos jesuítas.



Residência de Nicolas Antoine Taunay, junto à cascata batizada com seu nome

Sua rica história se confunde com a da própria fundação da cidade, a partir da expulsão dos franceses, em 1565. Passado o evento, Estácio de Sá doou uma área muito extensa à Companhia de Jesus. Nela, os jesuítas implantaram dois grandes engenhos de açúcar: o Engenho Velho e o Engenho Novo.

Passados quase 200 anos, em 1759, tudo o que pertencia à ordem religiosa foi incorporado aos bens públicos e, com isso, as terras com melhor localização foram arrendadas a famílias abastadas, brasileiras ou estrangeiras. Essas fazendas e chácaras tinham a seu favor a proximidade com o verde e a altitude, o que era ideal para fugir do calor e, também, das epidemias recorrentes, concentradas no entorno do Centro.

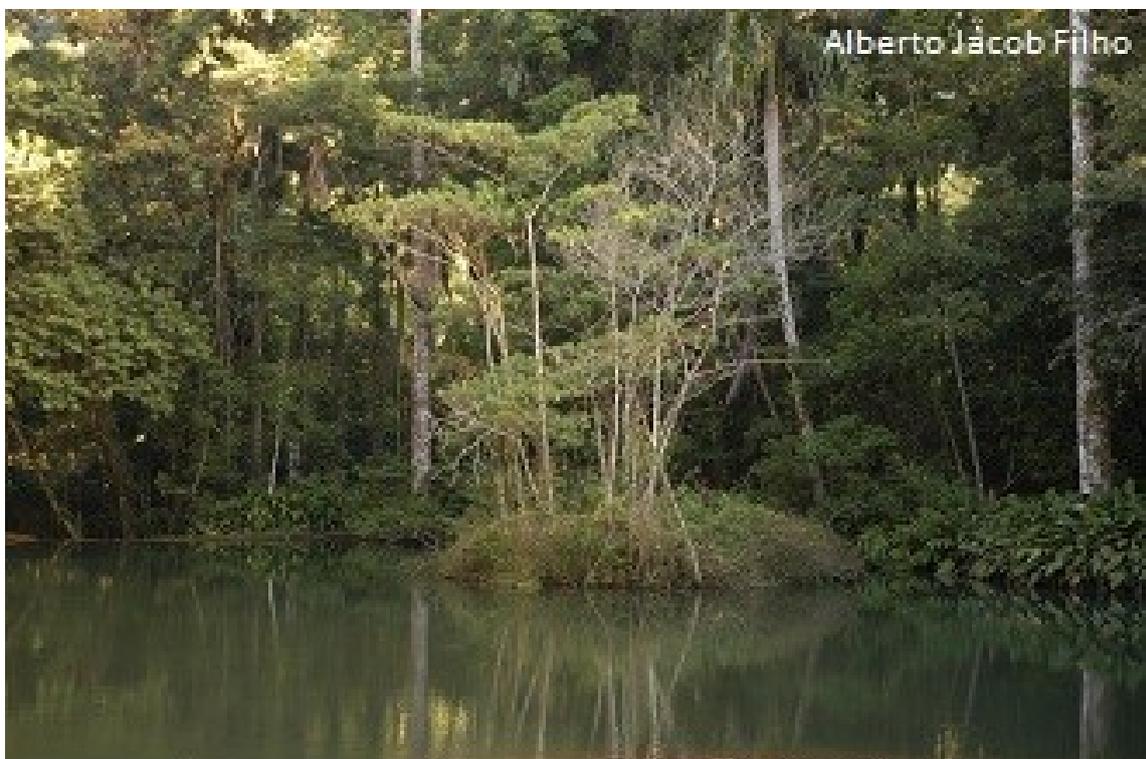
O acesso difícil ao relevo montanhoso do Maciço da Tijuca manteve o local praticamente intocado até mesmo para os habitantes originais da região, que eram os índios tupinambás, também conhecidos como tamoios. No entanto, apesar do péssimo estado dos caminhos até o Alto da Boa Vista, no século XIX já havia quem organizasse passeios e excursões até lá. Segundo a historiadora Lili Oliveira, em 1810 o conde Gestas veio da França e comprou um sítio na área onde hoje fica a Floresta da Tijuca, o qual batizou de Boa Vista. Passou a cultivar café, cana-de-açúcar, hortaliças e frutas, além de criar vacas da Normandia e fabricar manteiga e creme fresco.

A imperatriz Leopoldina, primeira esposa de d. Pedro I, costumava cavalgar da Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão, ao Sítio Boa Vista, para estudar botânica e cuidar de sua coleção de orquídeas. Outro francês que se encantou com a beleza do lugar foi Nicolas Antoine Taunay, membro da Missão Francesa, que chegou em 1816. O pintor comprou do conde Gestas um terreno, no ano seguinte. Graças à clareira aberta por ele para construir sua residência é que se abriu a vista para a cascatinha, batizada de Cascatinha Taunay, em sua homenagem.

Em médio prazo, a atividade resultou na devastação da floresta e na conseqüente ameaça aos mananciais que abasteciam a cidade. Por esse motivo, o governo imperial determinou o reflorestamento da região a partir de 1840, só efetivamente implementado por d. Pedro II a partir de 1861.

Quem esteve à frente do projeto até 1874 foi o major Manoel Gomes Archer, primeiro administrador da floresta. Na primeira fase da recuperação, contava apenas com seis escravos: Maria, Leopoldo, Eleutério, Constantino, Manuel e Mateus. Numa segunda fase, 22 trabalhadores assalariados foram incorporados à equipe. O Parque Nacional da Tijuca foi criado pelo Decreto nº 50.932, em 6 de julho de 1961.

A partir do início do século XIX, devido à fartura de água e às extensas áreas livres disponíveis na região, várias indústrias começaram a se instalar na Tijuca. Elas fabricavam tecidos, chapéus, rapé, cigarros, cervejas, laticínios, conservas, gelo e papel, entre outros produtos. Décadas mais tarde, as instalações desativadas passaram a abrigar hipermercados ou shopping centers. Segundo o Censo do IBGE de 2010, a população do bairro é de 163.805 pessoas. Quanto às faixas etárias, os idosos compõem 24,13% desse total (39.531), enquanto os jovens até 24 anos chegam a 25,83% (42.307). As mulheres são maioria numérica, chegando a 56,31% (92.240). A denominação, delimitação e codificação do bairro foram estabelecidas pelo Decreto nº 3.158, de 23 de julho de 1981, com alterações do Decreto nº 5.280, de 23 de agosto de 1985.



Muito arborizada, a Tijuca era refúgio verde no século XVIII



Caderno Direito nas Escolas

Direito das Coisas (Direito Reais)

Por Leandro Costa e Munique Costa

O Direito das Coisas compreende a posse (aquisição, efeitos, perda e proteção possessória); a propriedade (móvel e imóvel e suas características); e direitos reais sobre coisas alheias (gozo – enfiteuse, servidão, usufruto, uso, habitação e rendas sobre imóveis; garantias – penhor, anticrese e hipoteca).

A propriedade literária, científica e artística (direitos autorais) também enquadra-se no campo dos direitos reais, no entanto, o legislador se afastou um pouco da sistematização clássica do referido direito, pois tais propriedades são de natureza imaterial, de fundo moral, decorrente da personalidade humana.

Posse

A posse acontece quando o proprietário tem a coisa para si, usando os poderes de uso, gozo e disponibilidade ou quando o proprietário mantém o direito, porém outra pessoa tem utiliza o poder de uso e gozo. A propriedade é um direito real que atribui poderes ao seu titular, podendo o mesmo transferir em conjunto ou separado para alguém, quando ocorre o contrato de compra e venda os poderes passam para outra pessoa, transferindo realmente o próprio direito de propriedade.

Origem

Teoria objetiva

Nasce na Roma antiga, posto que o crescimento do Império e a conquista de terras fez com muitas destas restassem abandonadas, sendo necessário conceder o uso para cidadãos.

Teoria subjetiva

Surge do constate conflito de interesses pelo uso de propriedades sem um dono formal.

Posse direta ou imediata e posse indireta ou mediata

Na posse direta e indireta a distinção seria relacionada quando os poderes inerentes à propriedade possuem distintas titularidades. A posse direta pertence a quem tem a coisa em seu poder, podendo emanar de um direito real ou pessoal. Podemos ter a posse pignoratícia, onde o credor detém a coisa dada em garantia (posse direta) e no caso do direito pessoal tem o contrato de comodato, onde fisicamente a coisa fica com o comodatário; constituem posse direta o arrendatário, o testamenteiro, o depositário e outros.

Fonte: <https://jus.com.br/artigos/36115/nocoes-de-posse-propriedade-e-usucapiao-de-bem-imovel>



Caderno Direito nas Escolas

Posse justa e injusta

Segundo o art. 1200 do Código Civil, é **justa** a posse que não for violenta, clandestina ou precária. Em outras palavras é a posse fundada em título justo.

Por conseguinte, será **injusta** a posse violenta, clandestina ou precária.

Violenta

Posse violenta é a obtida por força injusta. É a posse do esbulhador, do que expulsa o legítimo possuidor do imóvel.

Clandestina

É a que se constitui às escondidas. É a posse do invasor que se apossa de terreno sem o conhecimento do dono.

Precária

É a posse daquele que, tendo recebido a coisa das mãos do proprietário por título que o obrigue a restituí-la, recusa-se injustamente a fazer a restituição e passa a possuir em seu nome. Precária é, assim, a posse do locatário que, condenado ao despejo, não restitui a coisa no tempo fixado.

Boa-fé e Má-fé

Para se determinar se a posse é de boa-fé ou de má-fé, há de ser feita pesquisa na convicção interna, subjetiva do possuidor. Terá posse de má-fé aquele que tenha ciência dos defeitos que a maculam. Terá posse de boa-fé aquele que não tiver ciência desses defeitos, que podem realmente existir.

Fonte: Fiuza, César. Direito Civil: curso completo – 15 ed. revista atualizada e ampliada pags.: 952 e 953

Propriedade

É instituto de Direito Privado que regula o domínio sobre as coisas, definindo os direitos e deveres do proprietário, sendo parte integrante do direito das coisas. O direito de propriedade é enorme, por que tem todos os poderes sobre a coisa, com ressalva dos limites impostos pela lei.

O titular da propriedade ocupa o polo ativo da relação jurídica e a coletividade ocupa o pólo passivo da mesma, tendo como dever jurídico respeitar a propriedade e o exercício da mesma.

Após o reconhecimento da real função da propriedade, ou seja, a função social da propriedade, o titular deve utilizar a coisa na sua forma destinada, não pode usar a propriedade além de sua função e em detrimento de terceiros, pois seria considerado ato ilícito e o irregular uso da propriedade configura tipos de ilicitudes previstas no direito de vizinhança e em posturas administrativas.



Caderno Direito nas Escolas

Tecnicamente admitimos como objeto de propriedade apenas os bens corpóreos e apenas por linguagem figurada se denomina a propriedade da produção literária, artística e científica.

O legislador preferiu definir o conjunto de poderes do proprietário no caput do art. 1.228 do código civil dizendo que o proprietário tem a faculdade de **usar, gozar e dispor da coisa e o direito de reavê-la** do poder de quem quer que injustamente a possua ou detenha. A propriedade é composta de faculdades asseguradas pela ordem jurídica ao titular do direito subjetivo em questão, não são fragmentadas, porém confere ao dono o amplo poder sobre a coisa.

Fonte: <https://jus.com.br/artigos/36115/nocoes-de-posse-propriedade-e-usucapiao-de-bem-imovel>

"Com conhecimento se constrói cidadania!"

Mas

É uma conjunção adversativa que exprime ideia de contraposição a algo dito anteriormente. Pode ser substituída por outras expressões que garantem o mesmo sentido à oração, como "porém", "todavia", e "contudo".

Exemplo: Esforçou-se para ir bem na prova, mas não tirou uma boa nota;

Ela caiu, mas não se machucou.



Mais

É comumente usada como advérbio de intensidade, mas também pode assumir a função de preposição, substantivo, pronome indefinido e até conjunção. É o contrário de menos e faz referência à soma ou ao aumento de quantidade. Exemplo: Quero ir a mais festas neste ano; Quanto mais ele fala, mais eu entendo sobre o assunto.



Redes sociais

Canal Revista Conhecimento & Cidadania

Inscreva-se e compartilhe!



Colaboradores



www.direitonasescolas.com



[@arcadiaeditora](https://www.instagram.com/arcadiaeditora)



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE JURISTAS CONSERVADORES

[@abrajucoficial](https://www.instagram.com/abrajucoficial)

**Para ajudar a continuarmos com este trabalho, doe qualquer quantia:
PIX: 28.814.886/0001-26**

Garanta o seu!!!



Revista Conhecimento & Cidadania

A REVISTA DIGITAL DA DIREITA CONSERVADORA



Por Apenas
R\$ 19,90

Acompanhe-nos nas redes sociais

 @RevistaConhecimentoCidadania

 @revistaconhecimentocidadania

 @revistaconhecimentocidadania



Na compra do E-book da Revista ganhe o E-book: O mínimo que você deveria saber para votar em 2022.



Compre aqui

